

Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências

Maurício Rombaldi

Resumo

Por meio da perspectiva analítica de *recursos de poder*, o presente estudo busca compreender em que medida o processo desencadeado pelas Campanhas Por Trabalho Decente Antes e Depois de 2014 e 2016, duas estratégias desenvolvidas pela Internacional dos Trabalhadores da Construção e da Madeira (ICM) durante a Copa do Mundo no Brasil e os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, impulsionou ações articuladas nos âmbitos nacional e internacional pelos sindicatos da construção no país. A partir disso, trata-se de entender quais foram os êxitos e as permanências entre as duas campanhas. Sobre o empreendimento sindical voltado a 2014, observa-se que a experiência prévia da ICM com estratégias voltadas a megaeventos esportivos, a necessidade de se negociar junto aos organizadores do campeonato e a falta de articulação sindical nacional resultaram na predisposição à adesão deles na campanha e no estreitamento dos vínculos internacionais. Entre os principais resultados das ações para a Copa, esteve a constituição de uma inédita pauta nacional de negociações que, articulada com uma série de greves ocorridas nos estádios do Mundial, interferiu nos desdobramentos de negociações regionais. Nas ações sindicais de 2016, além de melhorias salariais, constatam-se outros resultados positivos, como a elaboração de um protocolo de segurança para as obras e a influência na utilização de madeira com certificação socioambiental. No entanto, observaram-se dificuldades para a articulação de uma agenda sindical nacional que fizesse referência às Olimpíadas. No mesmo sentido, os dados indicam que o aprendizado da campanha de 2014 em termos de articulação de agendas nos níveis internacional/nacional e nacional/local conviveu de forma contraditória, em 2016, com dificuldades impostas por prioridades sindicais de caráter local.¹

Dados do autor

Mauricio Rombaldi é Doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e professor adjunto da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Tem como linha de pesquisa análises sobre globalização, relações de trabalho e sindicalismo. Em especial, destacam-se estudos sobre a internacionalização sindical e a regulação do trabalho nos níveis nacional e internacional.

Introdução

Em 2007 e 2009, o Brasil foi oficialmente designado como o país-sede da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos de 2016, respectivamente, o que colocou o setor da construção¹ em evidência. Para a execução de projetos relacionados aos preparativos dos megaeventos esportivos, os gastos foram estimados em dezenas de bilhões de reais para obras em portos, aeroportos, projetos de mobilidade urbana e a construção ou reforma de estádios em que milhares de trabalhadores estiveram envolvidos. As contradições provenientes da equação entre investimentos públicos, lucros privados e condições de trabalho mostraram-se semelhantes às verificadas em edições anteriores dos jogos, como na experiência da Copa de 2010, realizada na África do Sul, e nas Olimpíadas de Londres, em 2012. Em função disso, assim como no continente africano, os preparativos para os jogos no Brasil foram objeto de estratégias sindicais inovadoras no sentido de promover a articulação entre organizações sindicais nacionais e internacionais.

O tema central deste estudo consiste na análise da ação sindical em meio a processos de globalização econômica. Em especial, trata-se do desenvolvimento de práticas sindicais internacionais no setor da construção condicionadas por estratégias orientadas à promoção de boas condições de trabalho nos preparativos de megaeventos como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos no Brasil. Com isto, a presente análise visa compreender como o processo desencadeado pela Campanha Por Trabalho Decente Antes e Depois de 2014, uma ação desenvolvida pela federação sindical internacional (FSI) Internacional dos Trabalhadores da Construção e da Madeira (ICM), impulsionou a internacionalização dos sindicatos de trabalhadores da construção no Brasil, por meio da articulação internacional de pautas e estratégias e do estabelecimento de vínculos institucionais. A partir disto, busca-se atualizar as reflexões sobre os efeitos desta campanha ao se desenvolverem considerações sobre a continuidade dos resultados alcançados nas estratégias sindicais desempenhadas para 2014 naquelas desenvolvidas nos preparativos dos jogos de 2016.

De modo geral, observa-se que a experiência prévia da ICM na adoção de estratégias voltadas a megaeventos esportivos, a busca por negociações junto aos organizadores da Copa – interlocutores não tradicionais do movimento sindical – e a falta de articulação nacional entre sindicatos brasileiros resultaram na predisposição destes em aderir à

¹O setor da construção é aqui considerado de forma geral, e não com base nas divisões de categorias *construção civil e pesada*, relativas aos trabalhadores em edificações e em infraestrutura, respectivamente. Esta distinção não se fez útil à análise, seja porque o estudo considera ambos os sindicatos, seja porque, em termos legais, há questionamentos sobre as bases de representação, o que leva a casos em que sindicatos da construção civil representam obras que estariam, em tese, vinculadas à construção pesada.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências campanha internacional e ao estreitamento dos vínculos com a FSI. Em termos específicos, o ingresso dos sindicatos na campanha implicou a adoção, no Brasil, de uma agenda internacional orientada a megaeventos esportivos. Com isso, sob a mediação de uma organização estrangeira, uma inédita pauta nacional de negociações foi constituída de forma consensual entre os sindicatos brasileiros e interferiu nos desdobramentos das negociações estabelecidas localmente. Os resultados desta experiência, no entanto, mostram-se desafiados pela possibilidade de não se tornarem duradouros.

Para o estudo, utilizou-se a metodologia analítica de *recursos de poder*,² em que se faz referência à capacidade dos sindicatos de agir estrategicamente, baseados em mobilizações coletivas. Em linhas gerais, tal abordagem trata de considerar a capacidade de os sindicatos reconhecerem e utilizarem de forma estratégica quatro dimensões fundamentais do poder sindical, em especial, os poderes *estrutural, institucional, associativo e social*. Sobre os dados analisados, utilizaram-se duas fontes principais. Em um primeiro momento, utilizaram-se entrevistas realizadas junto a dirigentes sindicais de dez cidades-sede da Copa de 2014, em investigação de pós-doutoramento. Em um segundo momento, exclusivamente para o presente texto, atualiza-se a análise por meio de dados obtidos em entrevistas realizadas com lideranças do sindicato da cidade anfitriã dos Jogos Olímpicos de 2016 e outras da ICM. Adicionalmente, foram coletados documentos de campanha, pautas de negociação, acordos coletivos assinados regionalmente e dados secundários disponíveis na internet sobre os impactos da estratégia sindical na imprensa nacional na Copa e nos Jogos Olímpicos.

Internacionalização sindical no Brasil e os megaeventos esportivo

As análises sociológicas debruçadas sobre as transformações no mundo do trabalho têm apontado para a emergência de desafios para a organização dos trabalhadores nacionalmente estabelecidos. De um lado, relações produtivas foram se alterando ao longo do tempo, assim como se modificaram as características dos trabalhadores e a forma como eles se relacionam com as atividades desempenhadas. De outro, a institucionalização dos sindicatos tem uma raiz moderna – caracterizada por grandes contingentes de trabalhadores concentrados em empresas nacionalmente estruturadas – que passa a ter a sua capacidade de organização e de mobilização posta em xeque em diversas categorias profissionais. Nesse contexto, estratégias sindicais de articulação de agendas e ações no ambiente internacional surgem como alternativas à superação de impasses organizativos.

² Conforme Schmalz/Dorre 2017.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências

Considerado isto, no entanto, o *poder estrutural* no setor da construção brasileiro se mostrou significativo durante o *boom* de empregos neste setor durante os governos dos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Durante o período, este setor se destacou pela instauração de um conjunto de obras que fizeram parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)³ e dos preparativos da realização da Copa do Mundo de futebol no país e, junto disso, de uma série de conflitos trabalhistas. De acordo com relatório do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE),⁴ apenas em 2012, um ano após o início das obras nos estádios que seriam utilizados para a Copa do Mundo, 19% das greves realizadas no setor privado em todo o país eclodiram no setor da construção. No mesmo sentido, uma pesquisa encomendada pela Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Pesada (FENATRACOP)⁵ estimou que 501.000 trabalhadores da construção civil, pesada e de montagem industrial teriam participado de greves neste mesmo ano. Tais dados evidenciam, sobretudo, uma capacidade de mobilização de trabalhadores concentrados nos canteiros de obras do país atrelada ao *poder de negociação no mercado de trabalho* observada por meio dos prazos para a entrega das obras e aos baixos índices de desemprego no país.⁶

Ainda assim, a emergência de tais conflitos esteve relacionada às concomitantes dificuldades em termos de *poder associativo*, enfrentadas por sindicatos brasileiros. Paralisações como as ocorridas em 2011 nas usinas hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no estado de Rondônia, foram marcadas não apenas pela participação de cerca de 38.000 trabalhadores, mas também por uma desconexão entre as cúpulas sindicais e os trabalhadores representados, o que fez com que os sindicatos fossem surpreendidos (Veras 2014).

Da mesma forma, verificou-se a ocorrência de paralisações *wildcats* em obras dos estádios do Mundial de futebol, a exemplo das que irromperam entre agosto e setembro de 2011, no Maracanã, e em março de 2012, na Arena da Amazônia. Tais paralisações tiveram como

³ O PAC corresponde a um conjunto de políticas que visam acelerar o crescimento econômico do país. Corresponde a um programa de desenvolvimento lançado em 2007, durante o governo Lula, e teve como foco prioritário a realização de obras em infraestrutura.

⁴ Relatório do DIEESE “Balanço de greves em 2012”, de maio de 2013. Disponível em www.dieese.org.br/balancodasgreves/2012/estPesq66balancogreves2012.pdf [acesso: 16/7/2015].

⁵ Relatório da FENATRACOP “Avaliação de greves no sector da construção em 2012”. Disponível em www.fenatracop.com.br/index.php/informativo-aos-filiados/17-avaliacao-das-greves-de-2012/download [acesso: 16/7/2015].

⁶ A taxa de desemprego no país em 2012, por exemplo, estava em 5,5%. Tal número pode ser considerado muito baixo, em comparação aos 12,6% alcançados tanto em 2002, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, como em janeiro de 2017, no governo Michel Temer (cf. IBGE/Taxa de Desemprego Média Anual).

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências característica a articulação entre trabalhadores e seus representantes sindicais somente após o início dos conflitos. No caso do estádio carioca, a primeira paralisação teve início após um acidente de trabalho; já a segunda, em função da acusação de fornecimento de comida estragada por parte do consórcio liderado pela empresa Odebrecht. Em Manaus, ela foi motivada por denúncias de assédio moral praticado por funcionários vinculados à Andrade Gutierrez. Em todos esses casos, o *poder institucional*, que compreende a previsão legal de negociações anuais entre empregadores e assalariados, contribui para a legitimidade de sindicatos,⁷ que, ao incorrerem em conflitos, por vezes, não previstos por eles, organizavam as mobilizações, ampliavam pautas de reivindicação e avançavam em negociações.

Por outro lado, o advento dos preparativos da Copa de 2014 trouxe novidades em termos de pautas sindicais e de estratégias no setor de construção no país. Sobretudo em função de uma campanha sindical iniciada no exterior por uma FSI, junto a organizações brasileiras. Nesse contexto, as ações em torno de megaeventos esportivos inauguraram um panorama organizativo internacionalizado até então desconhecido neste setor econômico. Considerando-se tal cenário, algumas indagações norteiam a análise deste artigo. A internacionalização sindical seria uma alternativa concreta ante os desafios impostos pelo capitalismo transformado? Quais os obstáculos para a internacionalização dos sindicatos nacionalmente estabelecidos? Em que medida iniciativas internacionais como a Campanha por Trabalho Decente influenciariam nas práticas locais desenvolvidas por sindicatos brasileiros do setor da construção

As práticas sindicais internacionais podem ser identificadas por meio do relacionamento bilateral estabelecido diretamente entre sindicatos de diferentes países ou através das ações desenvolvidas por organizações sindicais globais junto aos seus filiados. Elas correspondem, sobretudo, a ações direcionadas a empresas transnacionais (ETNs) e organismos multilaterais ou a campanhas diversas relativas a temáticas como igualdade de gênero, imigrantes, *trabalho decente* e, nos últimos anos, megaeventos esportivos.

⁷ No Rio de Janeiro, trata-se do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Pesada (SITRAICP/RJ). Em Manaus, refere-se ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Pesada do Amazonas (SINTRAPAV/AM). Cabe mencionar, no entanto, que o setor da construção é marcado por conflitos intrassindicais, dada a divisão legal entre categorias profissionais definidas pelo Estado como “construção civil” e “construção pesada”. A falta de clareza entre as diferentes categorias implica, comumente, em conflitos pela definição da base legal de representação de trabalhadores entre sindicatos da construção civil e sindicatos da construção pesada. Este foi o caso, por exemplo, das disputas sindicais pela representação de trabalhadores nos estádios de Recife e Belo Horizonte.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências

A participação dos sindicatos em atividades promovidas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT),⁸ em negociações sobre as definições dos mecanismos multilaterais de governança – tal o caso do Mercosul⁹ – ou, até mesmo, na criação de institutos de cooperação internacional,¹⁰ tem demonstrado uma inclinação à internacionalização de suas práticas. Este movimento, no entanto, não é homogêneo, desenvolvendo-se em diferentes ritmos e trajetórias. Rombaldi (2012) aponta para o caso da internacionalização das práticas sindicais do setor metalúrgico e de telecomunicações, em que variáveis como a filiação a diferentes centrais sindicais, as experiências de intercâmbio e as características setoriais foram significativas para a predisposição à adoção de estratégias que ampliassem o escopo nacional. Nestes casos, as capacidades de aprendizado de competências internacionais específicas¹¹ se mostrou chave para o sucesso dos projetos de internacionalização sindical.

Na última década, as campanhas sindicais internacionais direcionadas à promoção de melhores condições de trabalho, ao fortalecimento sindical e ao estabelecimento de acordos junto a ETNs têm aumentado consideravelmente.¹² O Brasil vem ganhando protagonismo no mapa de tais estratégias, não apenas por contar com a presença de uma série de empresas envolvidas na pauta sindical internacional – como no caso das ações direcionadas a empresas como Walmart, Prosegur e Arauco¹³ – mas, também, por sediar grandes eventos esportivos, tais como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016.

Esses megaeventos esportivos constituem oportunidades à ampliação de estratégias sindicais, por apresentarem características como o envolvimento de grande quantidade de trabalhadores nos preparativos dos jogos. Além disso, nos termos do aumento de um *poder estrutural*, fazia-se necessária a *capacidade de intermediação* na negociação junto a entidades não tradicionais aos sindicatos locais – tais como os comitês organizadores

⁸ Como exemplo, v. o caso das Conferências da OIT sobre Trabalho Decente ocorridas em 2012 ou os mais diversos fóruns e grupos tripartites sobre relações de trabalho promovidos em conjunto com centrais sindicais brasileiras.

⁹ Com relação à participação sindical nos debates do Mercosul, ver o caso do Grupo de **Trabalho-10 e as propostas das comissões sindicais metalúrgicas para temas comerciais e produtivos, como a da Tarifa Externa Comum, de 1994**.

¹⁰ V. a criação do Instituto de Cooperação Internacional da CUT, criado no 11º CONCUR, em 2012. Tal organismo visa, entre outras coisas, a inverter a lógica da cooperação internacional e solidariedade sindical estabelecida de fora para dentro do país. Ver referência à criação do instituto no site www.cut.org.br/destaques/22842/cut-cria-seu-instituto-de-cooperacao [acesso: 9/9/2013].

¹¹ Um certo tipo de *capital militante internacional* desenvolvido por lideranças internacionais cutistas – por meio do aprendizado sobre o funcionamento de projetos e articulações políticas internacionais – se mostrou fundamental para a capacidade de intervenção de organizações nacionais em espaços globais (Rombaldi 2012).

¹² Desde os anos 2000, de modo geral, as federações sindicais internacionais estabeleceram a quase totalidade de seus acordos internacionais junto a ETNs. As exceções residem nos acordos estabelecidos junto a empresas como as alemãs, assinados antes disso devido às particularidades das relações sindicais destes casos.

¹³ Walmart, Prosegur e Arauco correspondem aos setores do comércio, segurança e florestal, respectivamente. Enquanto as duas primeiras são objetos de campanhas promovidas pela UNI Sindicato Global, a última é tratada pela Internacional dos Trabalhadores da Construção e Madeira (ICM).

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências nacionais e internacionais –, a conveniência do acúmulo de uma *expertise* sindical que servisse de apoio às organizações sociais estabelecidas no país-sede e, por fim, a possibilidade de promover a articulação entre agendas nacionais e internacionais tendo em vista o fortalecimento do elo entre os diferentes níveis de organização de trabalhadores.

Com a organização dos mundiais de futebol, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) se tornou um veículo voltado à penetração capitalista nas economias nacionais, por meio da abertura de mercados para patrocinadores, passando inclusive a exercer funções semelhantes às de uma ETN.¹⁴ A influência da FIFA, no entanto, vai muito além da organização dos jogos. Ela estabelece uma série de imposições aos países-sede das Copas, como exigências de implantação de infraestrutura e de estabelecimento de garantias legais para a proteção de patrocinadores – por meio de zonas comerciais e isenções fiscais, por exemplo –, sem que haja explícita menção à proteção social dos trabalhadores envolvidos nos preparativos dos jogos (McKinley 2011).

Os megaeventos esportivos revelaram novas formas assumidas pela dinâmica capitalista e, em decorrência disso, organizações sindicais globais passaram a buscar alternativas organizativas. Alguns casos de iniciativas sindicais internacionais relativas aos megaeventos podem ser apontados. A campanha *Play Fair*,¹⁵ por exemplo, resultou da constituição de um *poder social* observado na articulação internacional composta por organizações sindicais internacionais e ONGs parceiras que visavam unificar ações direcionadas a grandes eventos esportivos, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. Composta pela Confederação Sindical Internacional (CSI), pelas federações sindicais internacionais IndustriALL – que representam, entre outros, os trabalhadores têxteis–, pela ICM e pela ONG Clean Clothes Campaign, esta campanha esteve voltada à promoção de boas condições de trabalho na produção têxtil.

Em especial, essa iniciativa buscou estabelecer critérios sociais mínimos relativos às condições a que os trabalhadores envolvidos nos preparativos dos jogos devem ser submetidos. A campanha esteve direcionada às Olimpíadas de 2012 em Londres e obteve resultados bastante positivos. Entre eles, destaca-se a realização de um acordo entre sindicatos ingleses e o comitê organizador dos jogos, a influência nos procedimentos de contratação de empresas terceirizadas – por meio da implementação de um código sobre

¹⁴ Um dos argumentos no sentido de que a FIFA é uma ETN é tratado por McKinley (2011), segundo o qual a International Sports and Leisure (ISL) foi uma empresa de *marketing* esportivo estabelecida de forma umbilical à federação de futebol. A ISL é peça-chave na relação estabelecida junto às grandes empresas patrocinadoras e de comunicações. Além disto, recebeu os *naming rights* da Copa do Mundo e passou a ter um papel comercial central na definição de contratos relacionados aos jogos.

¹⁵ A campanha *Jogue Limpo*, em livre tradução.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências terceirização que abrangia direitos humanos internacionalmente reconhecidos –, bem como a realização de denúncias sobre condições sociais experimentadas pelos trabalhadores chineses que confeccionavam mascotes e sobre as auditorias sociais consideradas fraudulentas e ineficazes.¹⁶

Outro caso que se destaca diz respeito aos preparativos para a Copa de 2010 na África do Sul, quando a ICM teve a sua primeira experiência na organização de campanhas para assegurar boas condições de trabalho durante os preparativos dos mundiais de futebol. Intitulada Campaign for Decent Work Towards and Beyond 2010,¹⁷ ela mediou o relacionamento entre sindicatos nacionais com diferentes posicionamentos políticos, fomentou pesquisas, reuniões de negociação e realizou *lobby* junto à FIFA. Em especial, a ICM realizou reuniões em Zurique, contando com a presença de sindicalistas sul-africanos, da CSI e dos representantes da FIFA, como o presidente Joseph Blatter e o secretário geral, Jérôme Valcke. Além de tratar de questões levantadas pelos trabalhadores junto ao governo sul-africano e ao Comitê Organizador Local dos jogos, a FIFA concordou em incluir sindicatos nas visitas de inspeção das obras da Copa. Entre os resultados da campanha, também destacam-se a inclusão dos sindicatos locais nas inspeções nos estádios, o aumento de 39% dos índices de sindicalização no setor entre 2006 e 2009 e a conquista de um reajuste salarial de 12%, após a realização de uma greve nacional, em julho de 2009.¹⁸ Em todos os casos, nas campanhas desenvolvidas em Londres e na África do Sul, as agendas e estratégias sindicais nacionais deram mostras da busca de novos ares, provenientes de uma brisa internacional.

¹⁶ Informações obtidas no acordo entre o Comitê Organizador Local dos Jogos de Londres e a *Trade Union Congress/Play Fair* de fevereiro de 2012, e os relatórios produzidos pela CSI *Toying with workers rights e Rio 2016: The social performance of event organisers and key corporations*.

¹⁷ Campanha por Trabalho Decente Rumo a 2010 e Além, em livre tradução do título em inglês.

¹⁸ Informações obtidas do documento de avaliação de Campanha da ICM, de 2010.

A Campanha por Trabalho Decente Antes e Depois de 2014

Os preparativos para a Copa de 2014 no Brasil e a expectativa de geração de empregos estão umbilicalmente articulados aos grandes investimentos em obras de infraestrutura. Segundo informações do relatório do Ministério do Esporte de 2010,¹⁹ era esperado que o impacto econômico da Copa criasse cerca de 330.000 postos de trabalho permanentes entre 2009 e 2014, além de outros 380.000 empregos temporários apenas em 2014. No caso do setor da construção, isto esteve relacionado ao planejamento de obras em 12 aeroportos, seis portos e outros 44 projetos de mobilidade.²⁰ Além disso, foi realizada a construção ou a reforma de 12 estádios²¹, que totalizaram investimentos calculados em 8,3 bilhões de reais.²² Até maio de 2012, no entanto, veículos de comunicação estimavam que apenas 25% dos projetos de transporte haviam concluído o processo de licitação²³ e 41% das obras para a Copa do Mundo ainda não haviam iniciado.²⁴ Este cenário, composto por uma grande quantidade de obras, por atrasos na sua execução e pela pressão para a sua conclusão dentro dos prazos estipulados pela FIFA, acabou se mostrando problemático para as condições de trabalho no setor, mas positivo em termos do *poder de negociação* sindical.

Nos preparativos do evento brasileiro, as contradições provenientes da equação entre investimentos públicos, lucros privados e reduzidos legados sociais positivos se mostraram tão evidentes no país quanto na experiência da Copa de 2010 na África do Sul (Rombaldi/Cottle 2013). Sob tal perspectiva e com experiências de campanhas sindicais prévias nos jogos da África do Sul e Londres, a ICM lançou a Campanha Por Trabalho Decente Antes e Depois de 2014 em 31 de março e 1º de abril de 2011, na cidade do Rio de Janeiro. Os organizadores da Copa – interlocutores não tradicionais do movimento sindical –, as experiências prévias da ICM em campanhas sindicais direcionadas a megaeventos esportivos e os holofotes gerados pelos jogos fizeram da campanha

¹⁹ Dados obtidos no relatório do Ministério do Esporte “Impactos econômicos da realização da Copa de 2014 no Brasil”, março de 2010.

²⁰ Dados obtidos no relatório do Ministério dos Esportes “Balanço final para as ações da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014”, dezembro de 2014.

²¹ Durante o período, de fato, 14 estádios foram construídos ou reformados. Além dos 12 planejados para o Mundial de 2014, outros dois, de natureza privada, também passaram por obras. São eles a Arena Grêmio, em Porto Alegre, e a Arena Palmeiras, em São Paulo.

²² Dados obtidos no relatório do Ministério dos Esportes “Balanço final para as ações da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014”, cit.

²³ Dimmi Amora: “Copa tem só 25% de obras de mobilidade urbana licitadas, diz TCU”, em Folha de S. Paulo, 2/5/2011. Disponível em www1.folha.uol.com.br/esporte/1084662-copa-tem-so-25-de-obras-de-mobilidade-urbana-licitadas-diz-tcu.shtml [acesso: 24/9/2013].

²⁴ “40,6% das obras da Copa do Mundo de 2014 ainda não começaram, segundo governo federal”, em UOL Copa, 23/5/2012. Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/05/23/41-das-obras-da-copa-do-mundo-de-2014-ainda-nao-comecaram-segundo-governo-federal.htm> [acesso: 24/9/2013].

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências internacional um espaço atraente para a adesão das organizações sindicais brasileiras do setor da construção. Isso pode ser observado pelo expressivo crescimento de organizações brasileiras filiadas à ICM em razão da campanha. Enquanto em 2010 apenas cinco organizações sindicais eram filiadas, em dezembro de 2012 já havia 25 entidades organicamente vinculadas à federação internacional.

No Brasil, a ICM foi a promotora e principal articuladora da ação junto a 17 sindicatos, seis federações estaduais e duas confederações brasileiras.²⁵ A FSI foi a responsável por reunir organizações vinculadas a diversas orientações políticas, consolidar e distribuir informações relativas a greves e acordos localmente estabelecidos, produzir materiais de campanha, promover eventos nacionais e internacionais entre entidades sindicais, organizadores da Copa, representantes de governos e a OIT, bem como por buscar negociações com a FIFA, na Suíça. A ICM buscou ampliar sua *influência social* por meio da realização de acordos estratégicos com vários parceiros, tais como a CSI e a Streetnet,²⁶ na tentativa de elaborar um programa e um mecanismo nacional de ações. No entanto, as iniciativas articuladas com representantes de outros setores foram escassas.

A configuração sindical brasileira no âmbito da construção se mostrava complexa e trazia *dificuldades à ampliação dos recursos de poder estrutural*. As organizações sindicais participantes da campanha, em sua maioria, representavam trabalhadores das cidades-sede²⁷ da Copa e estavam filiadas a quatro centrais sindicais distintas – Central Única dos Trabalhadores (CUT), Força Sindical, União Geral dos Trabalhadores (UGT) e Nova Central Sindical. Além das divisões internas constatadas entre sindicatos das centrais, observou-se uma significativa desarticulação entre os sindicatos e as suas confederações. Até 2011, não havia experiência significativa de uma negociação nacional que visasse a temas como o acordo salarial unificado entre os distintos estados brasileiros, uma demanda recorrente entre as lideranças entrevistadas. Além disso, não se observaram campanhas sindicais nacionais regulares por parte das confederações durante os três anos da campanha internacional. Sendo assim, o espaço ocupado pela FSI na campanha serviu como ponto de intersecção entre os brasileiros. Nas palavras de um dirigente sindical, o espaço

²⁵ Sindicatos participantes da Campanha: STICC-POA, SINTRACON-CTBA, SINTRAPAV-PR, SINDECREP-SP, Sindicato Solidariedade - São Caetano/SP, SINDPRES-SP, SINTRAPAV-SP, SINDECREP-RJ, SITRAICP-RJ, SINTRACONST-ES, SITRAMONTI-MG, STICMB-DF, SINTRAICCCM-MT, SINTEPAV-BA, SINTEPAV-CE, STICONTEST-AM, SINTRACOM-SBC. Federações de nível estadual: FETICOM-SP, FETICOM RS, FETRACONSPAR, FETRACONMAG-ES, FETIEMT, FSCM-CUT. Federações nacionais e confederações: FENATRACOP, CONTICOM/CUT.

²⁶ A Streetnet é uma aliança de organizações de vendedores informais de diversos países, fundada em 2002, na África do Sul e atua na promoção dos direitos destes trabalhadores.

²⁷ A estratégia da ICM teve como eixo inicial a busca pela articulação entre sindicatos das cidades-sede. No entanto, no decorrer da campanha, sindicatos de outras regiões juntaram-se às ações propostas.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências internacional havia se tornado um ambiente em que “se discutia apenas o que era possível para se chegar a um consenso (...) as diferenças inegociáveis eram colocadas de lado”.

Até o lançamento da campanha – realizado no Rio de Janeiro com a presença de uma expressiva delegação sindical internacional estrangeira –, o relacionamento entre os sindicatos brasileiros da construção e a ICM era exíguo. Se em 2014 a federação internacional contava com 25 organizações sindicais brasileiras filiadas a ela, em 2011 havia apenas cinco.²⁸ A entrada de um grande contingente de sindicatos em uma ação pioneira implicou a decisão de estabelecer um comitê gestor da campanha com oito organizações,²⁹ que, mais adiante, dado o interesse de participação, foi ampliado, a fim de permitir que todos os sindicatos compusessem um fórum mais amplo. Nesse espaço, eles passaram a consolidar e revisar os planos estratégicos da campanha.

Para manter o modelo de campanha desenvolvido na África do Sul, a ICM e os sindicatos brasileiros também desenvolveram uma plataforma de ações que teve como resultado um *manifesto*, o qual representou um primeiro consenso sobre as demandas para o setor da construção no país. De tal esforço resultou a posterior elaboração de uma *pauta nacional unificada*, um documento inédito na união de demandas entre os sindicatos da construção do país. Nele, os brasileiros propunham um acordo nacional com pisos salariais unificados, benefícios sociais e garantias de organização por local de trabalho, entre outros pontos.³⁰

No entanto, as novidades no *modus operandi* sindical não estiveram restritas ao estabelecimento de um documento consensual. As atividades de campanha convocadas pela ICM nas cidades-sede da Copa eram estabelecidas a partir de uma lógica incomum entre sindicatos separados em diferentes centrais sindicais. Contando com todas as organizações participantes da campanha, de modo geral, as ações eram organizadas pelo sindicato anfitrião, que promovia visitas ao estádio da cidade, reuniões com governantes, organizadores locais da Copa, imprensa e outros organismos. Do ponto de vista internacional, tais atividades eram acompanhadas por meio de divulgação de notícias no site da ICM, de um *blog* de campanha desenvolvido especialmente para divulgar as suas ações e de atividades desenvolvidas no exterior pela federação internacional junto a organizações sindicais “chave”, sobretudo as europeias, que resultaram, principalmente, no desenvolvimento de projetos de apoio às ações desenvolvidas no Brasil.

²⁸ CONTICOM, FETICOM-SP, FETICOM-RS, SINDPRESF e Sindicato Solidariedade-São Caetano/SP.

²⁹ CONTICOM, FENATRACOP, SITRAICP-RJ, SINTRAPAV-PR, FETRAONMAG-ES, SINTEPAV-BA, FETICOM-SP e Sindicato Solidariedade-São Caetano/SP.

³⁰ Conforme documento original da *Pauta nacional unificada*.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências

Outro fato que merece destaque diz respeito à construção da pauta unificada. Em 18 de novembro de 2011, enquanto as organizações brasileiras participantes da campanha estiveram reunidas em São Paulo para os encaminhamentos relativos ao documento, representantes da ICM se reuniam com a FIFA em Zurique, na Suíça, para propor uma agenda comum relativa a temas como as condições de trabalho nas obras e as greves no Brasil. Imediatamente após o encontro na Europa, o secretário geral da ICM se juntou aos que se reuniam na capital paulistana via teleconferência, a fim de trocarem informações sobre ambas as reuniões.

Em 6 de março de 2012, sob a lógica de que “os trabalhadores também deveriam fazer parte dos jogos de 2014”, a pauta nacional estabeleceu um marco discursivo – um *framing* – que apresentava à Confederação Nacional da Indústria (CNI) em Brasília demandas fundamentais dos trabalhadores para o setor. Embora não tenha sido concretizada em um acordo nacional, segundo as lideranças entrevistadas, tal iniciativa teve como impacto a influência na definição das pautas de negociações das diversas regiões do país, o que demonstra a ampliação do marco do *poder social* alcançado com a campanha. Para os sindicalistas, a pauta unificada não estipulava apenas uma lista referencial de demandas, mas servia como suporte às reivindicações que seriam estabelecidas localmente. Os pontos convergentes com as negociações de caráter nacional justificavam as reivindicações locais.

Assim como no panorama mais amplo do setor da construção, o período de negociações compreendido entre 2011 e 2014 foi marcado por intensos conflitos nas obras nos estádios em construção ou reforma.³¹ Nesse período, identificou-se a realização de 28 greves, a maior parte delas nos dois primeiros anos (tabela 1). A principal explicação para isso decorre da redução do contingente de trabalhadores demandados para as obras no segundo biênio, seja porque parte dos estádios já estava finalizada em junho de 2013.³² seja porque os inconclusos se encaminhavam para as fases finais dos projetos, quando existe menor necessidade de mão-de-obra.

³¹ Os estádios Arena Grêmio, em Porto Alegre, e Arena Palmeiras, em São Paulo, não participaram dos jogos da Copa, mas também são considerados, aqui, em função de que tiveram suas obras simultâneas às dos outros estádios. Também foram projetados e tiveram empréstimos para a construção viabilizados dentro de um pacote de investimentos recebidos para as obras do Mundial de Futebol.

³² Além da Arena Grêmio, inaugurada no final de 2012, seis estádios estavam finalizados até o mês de junho de 2013 para a Copa das Confederações. São eles: Maracanã, Fonte Nova, Arena Pernambuco, Castelão, Mineirão e Mané Garrincha.

Tabela 1. Greves nos estádios, 2011-2014

ANO	Greves	Estádios
2011	12	Castelão (1), Arena Pernambuco (3), Fonte Nova (1), Maracanã (2), Mineirão (2), Arena Grêmio (2), Mané Garrincha (1).
2012	11	Arena Amazônia (1), Castelão (2), Arena Dunas (3), Arena Pernambuco (2), Fonte Nova (2), Arena Grêmio (1)
2013	3	Arena Amazônia (1), Maracanã (1), Arena da Baixada (1)
2014	2	Arena da Baixada (1), Beira-Rio (1)
Total	28	

Fonte: elaboração própria

Segundo relatório elaborado pelo DIEESE,³³ pouco mais da metade das paralisações esteve relacionada às condições de trabalho vigentes ou ao descumprimento de direitos estabelecidos em acordos ou na legislação. Apesar da referência proporcionada pela pauta nacional, as diferentes mobilizações nos estádios não estiveram coordenadas entre si. Entre as variáveis explicativas dessa desarticulação, incluem-se a existência de diferentes datas base de negociação anual entre sindicatos e empresas, o que implicava em diferentes *timings* às mobilizações locais e, também, a existência de diversos casos em que os conflitos eclodiram sem o planejamento prévio dos sindicatos. Este último ponto refere-se ao caso de paralisações iniciadas em função de más condições de trabalho, motivadas pelo oferecimento de alimentos estragados (Maracanã), acidentes de trabalho (Maracanã, Arena Amazônia), más condições de higiene nos vestiários e pagamento de horas extras (Mineirão), ou falta de vestimentas adequadas para o trabalho (Arena Grêmio). Além disso, e não menos representativa das condições de trabalho experimentadas nos preparativos do Mundial de Futebol, sublinha-se a ocorrência de nove acidentes fatais nas arenas Pantanal, Corinthians, Grêmio e Amazônia e nos estádios Mineirão e Mané Garrincha.

³³ Dados obtidos no relatório do DIEESE “Balanço da Campanha por Trabalho Decente Antes e Depois de 2014”, 2014.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências

Segundo o relatório do DIEESE, as greves que propuseram novas conquistas ou a ampliação das já asseguradas estiveram ligadas, principalmente, à introdução, manutenção ou melhoria do auxílio-alimentação, à contratação de planos de assistência médica e à exigência de reajuste salarial. A respeito de tais reivindicações, a campanha oferecia um senso de unidade. Além de demandar isonomia de salários e direitos entre as diferentes regiões do país, em março de 2012, pouco antes da entrega na pauta nacional na CNI, o discurso de uma possível greve geral no setor da construção repercutiu amplamente na imprensa nacional.

Mesmo que um acordo nacional não tenha sido alcançado, observa-se que as negociações realizadas pelos sindicatos da construção nas 12 cidades-sede durante os preparativos da Copa foram bem sucedidas. Conforme apontam os dados do sistema de acompanhamento de salários do DIEESE³⁴ (tabela 2) entre 2009 e 2013, todos os acordos tiveram pisos salariais reajustados em valores superiores ao da inflação medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor, calculado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (INPC-IBGE) e ao reajuste do salário mínimo nacional.

Tabela 2. Aumento real médio dos pisos salariais nas obras da Copa e aumento real do salário mínimo oficial – comparação com o INPC-IBGE, 2009-2013

	2010	2011	2012	2013
Obras da Copa	5,95%	6,70%	7,41%	6,53%
Salário mínimo	6,02%	0,37%	7,59%	2,64%

Fonte: DIEESE.

Conforme o estudo, além do piso, os demais salários de trabalhadores envolvidos nas obras dos estádios foram reajustados acima da inflação. O aumento real dos salários acima do piso foi superior aos aumentos reais médios registrados pelo Sistema de Acompanhamento de Salários (SAS) do DIEESE para todas as categorias profissionais e para as categorias do setor de construção e mobiliário no país. Mesmo que tenham existido variações nos reajustes salariais nas diferentes obras, as conquistas incluíram itens diversos, como

³⁴ Ibid.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências aumentos no auxílio-alimentação, no valor pago por hora extra, no vale-transporte, no seguro de saúde, nos bônus mensais e na participação nos lucros e resultados. Com isto, pode-se afirmar que, em geral, as mobilizações foram bem-sucedidas porque permitiram não apenas a melhoria nos salários, mas a melhoria das condições de trabalho.

Neste sentido, conforme indicado anteriormente, ainda que parte das mobilizações tenha surpreendido algumas organizações sindicais, o desenvolvimento das negociações mostrou que os sindicatos estiveram engajados na consolidação de ganhos significativos. Neste sentido, a despeito das contradições relativas à realização da edição da Copa do Mundo no Brasil, observa-se que as negociações trabalhistas e as mobilizações nos canteiros de obra da Copa obtiveram resultados positivos. Sobre as negociações internacionais estabelecidas pela iniciativa internacional, apesar dos esforços em dialogar com a FIFA, até a conclusão da campanha, em abril de 2014, não foram alcançados acordos como o esboçado na experiência sul-africana sobre a inclusão dos sindicatos brasileiros nas inspeções dos estádios. Do mesmo modo, após mais de um ano da realização da Copa, nenhuma negociação que visasse a um acordo nacional para regulamentar pisos salariais e outras demandas presentes na pauta unificada foi efetivamente estabelecida. Se a pauta nacional pode ser considerada um eixo fundamental da campanha, não há indícios de que a unidade constituída em torno dela tenha se mantido.

(Des)continuidades com a Campanha por Trabalho Decente Antes e Depois de 2016

Os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro foram estimados em 37,5 bilhões de reais³⁵ em gastos que incluíam a construção das instalações esportivas no parque olímpico e obras de mobilidade urbana que serviriam como legado à cidade. Neste contexto, o Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE) estimou que cerca de 50.000 trabalhadores do setor da construção foram empregados em obras como o veículo leve sobre trilhos (VLT), a linha do metrô, a via expressa Transolímpica, o sistema de transporte rápido de ônibus (BRT) Transbrasil, a reforma do estádio Engenhão e a construção do Museu do Amanhã. Assim como nos preparativos do Mundial de Futebol, novamente se concretizava um cenário novo para os sindicatos, em que se incluía a pressão internacional para o término das obras em função dos prazos para o início dos jogos.

³⁵ Conforme dados da 4ª edição da cartilha do Tribunal de Contas da União, de 2016, intitulada “O TCU e as Olimpíadas de 2016”. Deste valor, cerca de 24 bilhões de reais foram gastos em obras de infraestrutura urbana, transporte público, mobilidade, saneamento, etc.

A Campanha por Trabalho Decente Antes e Depois de 2016 foi lançada em 2014 como continuidade da experiência sindical desenvolvida para a Copa e consistiu na elaboração de materiais destinados à promoção de práticas seguras nos locais de trabalho das Olimpíadas, em negociações junto ao comitê organizador local para utilização madeira certificada,³⁶ na promoção de visitas internacionais como forma de pressionar autoridades pela implementação de negociações com o sindicato local, bem como na busca pela influência da opinião pública nacional e internacional sobre acidentes e conflitos que ocorriam nas obras.

Os trabalhadores do setor da construção do Rio de Janeiro são representados por dois sindicatos. O Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil Pesada (SITRAICP), filiado à ICM logo após o seu ingresso na campanha internacional desenvolvida para Copa do Mundo, quando sediou o seu lançamento em frente ao Maracanã, em 2011, representa cerca de 15.000 trabalhadores do estado do Rio de Janeiro provenientes da construção pesada, entre as quais são consideradas as obras de infraestrutura e mobilidade urbana. O segundo é o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil (SINTRACONST), sindicato não filiado à federação internacional. De forma geral, esta campanha foi organizada entre ICM e SITRAICP, enquanto o sindicato da construção civil participou de forma tangencial, como convidado em atividades pontuais. Diferentemente dos resultados alcançados na estratégia sindical direcionada à Copa, a ICM não conseguiu romper as barreiras que separam os sindicatos da construção neste segundo empreendimento de campanha nos termos da promoção de uma ação intersindical articulada consensualmente.

Com base na experiência da campanha *Play Fair* em Londres, a ICM previu um cenário complexo para o setor na construção em termos de segurança no trabalho. A partir disso, produziu um protocolo de segurança para as obras do Rio de Janeiro que teve como referência uma série de pesquisas sobre os acidentes no setor da construção identificados nas obras destinadas para 2014. Com o material, a federação internacional e o sindicato local estabeleceram diálogo constante com o comitê organizador dos jogos que, por fim, resultou na adoção das observações do protocolo em sua política de segurança no trabalho.³⁷

³⁶ Entre as plataformas de ação da ICM – federação internacional que representa os trabalhadores da construção e da madeira –, está a promoção de iniciativas que promovam o diálogo tripartite entre trabalhadores, governos e empresas. Disto resultam as políticas da ICM na certificação socioambiental da madeira por meio do selo FSC.

³⁷ A adoção de informações do protocolo de segurança nos princípios norteadores de segurança no trabalho nos jogos de 2016 pode ser percebida por meio do uso de informações semelhantes, bem como nas declarações do comitê olímpico que atestam a influência do material elaborado pela ICM. Sobre isto, ver informações no link www.bwint.org/default.asp?index=6843&Language=EN.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências

Ainda assim, conforme aponta o MTE, a construção das instalações olímpicas do Rio foi marcada por inúmeros acidentes de trabalho.³⁸ Os preparativos para os jogos de 2016 implicaram 11 mortes e três acidentes gravíssimos, além de terem sido efetivados mais de 1.600 autos de infração, 44 obras embargadas e interdições. Estes dados não se constituem como particularidade do evento no Brasil, mas apresentam um cenário recorrente que contrasta, em nível global, com a imagem de um “espírito olímpico” ou de um *fair play* propagada pelos organizadores dos megaeventos esportivos. Na preparação dos Jogos de Inverno em Sochi de 2012, na Rússia, por exemplo, contabilizam-se 70 mortes de trabalhadores da construção.³⁹ Nos preparativos para os Jogos Olímpicos de Inverno da Coreia do Sul em 2018, já foram computadas duas outras mortes.⁴⁰ Para 2022, no Catar, o quadro se mostra pouco alentador. No país árabe a campanha intersindical *Play Fair* indica que, até o final de 2015, mais de 1.000 trabalhadores já haviam perdido suas vidas. Com base nisso, estima-se que outros milhares de óbitos serão adicionados às estatísticas até o início do evento.⁴¹

Segundo representantes do MTE, grande parte dos problemas enfrentados nos canteiros de obra do Rio de Janeiro tinha como razão a falta de princípios de saúde e segurança no trabalho que orientassem a contratação, efetuada pela Prefeitura da cidade, de empresas para as obras das Olimpíadas. Entre as implicações decorrentes, estava a dificuldade imposta às ações de fiscalização que se intensifica nas trocas de empresas prestadoras de serviços. Entre os principais problemas encontrados nos locais de trabalho, estavam pontos relacionados com higiene em vestiários e banheiros, com fornecimento de água e alimentos.

Além disso, no Rio de Janeiro, a ação sindical teve particularidades que a diferenciavam das práticas desenvolvidas nos preparativos para o Mundial de Futebol. Entre elas, segundo Nilson Duarte Costa, presidente do SITRAICP, no período em que se desenvolviam as obras para a Copa, estavam acordos entre empresas e o sindicato para que lideranças da entidade estivessem presentes no local de trabalho do estádio e de obras de grande envergadura. Nos preparativos para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, a maior fragmentação das obras e das empresas – muitas delas, terceirizadas⁴² –

³⁸ Conforme dados apresentados pela auditora fiscal do trabalho Elaine Castilho, na cerimônia de encerramento da campanha da ICM para as Olimpíadas no Brasil, em junho de 2016.

³⁹ Segundo dados do relatório *Decent Work, Fair Play for All Teams*, da ICM, de 2014.

⁴⁰ Conforme dados de www.bwint.org/default.asp?index=7261 [acesso: 12/9/2016].

⁴¹ Conforme www.playfairqatar.org.uk/category/uncategorized/ [acesso: 8/9/2016].

⁴² Segundo o dossiê da CUT: “Terceirização e desenvolvimento: uma conta que não fecha”, de 2015, realizado em conjunto com o DIEESE, os dados apontam para o fato de que o trabalho terceirizado no Brasil é caracterizado por maiores jornadas de trabalho, remunerações mais baixas, maior rotatividade no emprego e maior número de acidentes.

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências desenvolvidas na cidade impediam o estabelecimento deste tipo de iniciativa. Tais condições expressam um cenário propício a conflitos no setor da construção no Brasil. A despeito da onda de greves experimentada de forma generalizada no setor em 2012, em especial nos estádios nos três anos que antecederam o Mundial de Futebol, o período de 2014-2016 no estado do Rio de Janeiro foi marcado por 15 paralisações – duas delas, estaduais⁴³ – que, no total, envolveram cerca de 37.000 trabalhadores⁴⁴ e resultaram em reajustes de cerca de 23%⁴⁵ acumulados no período.

No âmbito internacional, a estratégia global da ICM para megaeventos esportivos tem dado mostras de resultados positivos por meio de diversas ações. Entre elas, em 2016, na Suécia, os sindicatos filiados à ICM no país assinaram um acordo⁴⁶ com a Associação Sueca de Futebol e o Comitê Olímpico do País para garantir boas condições de trabalho para todos os trabalhadores envolvidos em eventos esportivos no país e fora dele, por meio das organizações internacionais a que são associados. Na Rússia, a ICM, o Sindicato Russo de Trabalhadores da Construção (RBWU) e o Comitê Organizador Local da FIFA assinaram um acordo⁴⁷ de colaboração no sentido de garantir condições de trabalho decentes e seguras para a construção e renovação dos 2018 estádios da Copa do Mundo de 2018 no país.

No entanto, a despeito do sucesso das estratégias sindicais internacionais observado na Copa e do acúmulo de experiências em ações direcionadas a megaeventos esportivos anteriores, no caso dos preparativos das Olimpíadas, foram observadas dificuldades quanto à articulação entre a agenda internacional e a desenvolvida pelos sindicatos cariocas, bem como entre sindicatos brasileiros de distintos estados e filiações políticas. De um lado, identificou-se, desde a ICM, dificuldade quanto à construção, junto aos sindicatos do Rio de Janeiro, de estratégias internacionais no ambiente local. Uma interpretação possível refere-se ao argumento de Hermes Costa (2005) segundo o qual as prioridades dadas às necessidades sindicais cotidianas podem atuar como freio à internacionalização de organizações locais. No caso do Rio de Janeiro, as relações trabalhistas, fortemente regulamentadas por uma legislação que prevê negociações anuais sobre salários e outros temas, bem como o abrupto crescimento no número de obras e trabalhadores envolvidos,

⁴³ Estas greves estaduais foram constituídas no início dos anos de 2014 e 2015 como resultado dos processos de negociação salarial e tiveram uma duração de seis e três dias, respectivamente.

⁴⁴ Segundo documento de contabilização de mobilizações da campanha da ICM.

⁴⁵ Conforme dados obtidos nas convenções coletivas do SITRAICP nos anos de 2014, 2015 e 2016.

⁴⁶ Conforme www.bwint.org/default.asp?Index=7211&Language=EN [acesso: 10/7/2016].

⁴⁷ Conforme www.bwint.org/default.asp?index=7298&Language=EN, [acesso: 28/8/2016].

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências podem ter favorecido a prioridade por ações tradicionais e uma menor abertura a ações de caráter internacional. Neste caso, observa-se um caráter contraditório entre a constituição de um *poder estrutural* local e um *aprendizado* com a campanha desenvolvida em 2014, além da sobreposição de prioridades locais à representação de trabalhadores que dificultaram o estabelecimento de enquadramentos discursivos que pudessem articular campanhas internacionais bem-sucedidas com esforços de caráter local.

De outro, no caso das Olimpíadas do Rio, de forma diferente da experiência sindical nos preparativos de 2014, houve dificuldades em promover, em âmbito nacional, o apoio de sindicatos da construção de outras regiões do país e de diferentes centrais à entidade carioca. Destaca-se que, à exceção de seminários organizados pela ICM na cidade-sede dos jogos, em que sindicatos de diversas tendências políticas e regiões do Brasil estiveram presentes, não foram observadas ações significativas de solidariedade e de engajamento à campanha por parte dos sindicatos da construção brasileiros externos ao estado do Rio de Janeiro. Em termos de permanências da experiência da Copa de 2014, estes dados indicaram obstáculos quanto à continuidade nos níveis de unidade e consenso alcançados durante a constituição da pauta nacional unificada da campanha anterior.

Neste mesmo sentido, outro dado importante refere-se ao fato de que a campanha, promovida pela organização internacional e apoiada pelo SITRAICP, em certos momentos, deu indícios de não haver sido incorporada de forma orgânica pelo sindicato local. Ainda que o sindicato desenvolvesse suas ações em cooperação com a ICM ao participar de eventos e reuniões em conjunto com a Rio 2016 e autoridades locais, bem como contribuísse com o agendamento de visitas a obras por parte de delegações, uma série de ações desenvolvidas pelo SITRAICP durante o período de campanha manteve os mesmos padrões de negociação e mobilização tradicionalmente utilizados. Práticas como o diálogo com as empresas do setor, a abertura de negociações anuais e as greves decorrentes deste processo não tiveram suas principais características alteradas em função da campanha e, portanto, não eram classificadas pelo próprio sindicato como parte de uma estratégia internacional, mas resultado do enquadramento das relações trabalhistas locais.

Do ponto de vista dos resultados alcançados pelas campanhas sindicais internacionais implementadas para 2014 e 2016, portanto, é possível afirmar que as particularidades do sindicalismo nacional/local são determinantes para que se pesem as possibilidades de sucesso de uma estratégia sindical internacional. Entre os resultados alcançados, do ponto de vista sindical, o coordenador global de campanhas da ICM, Carlos Antonio Q. Añonuevo, observa que “as campanhas internacionais devem ser percebidas a partir da capacidade de negociação e mobilização local, o que altera profundamente os objetivos e os resultados

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências esperados com cada ação”. Entre os exemplos que contribuem com esta afirmação, está a campanha desenvolvida nos preparativos para os jogos do Catar em 2022, em que a federação internacional buscar impulsionar o desenvolvimento de organizações que sejam capazes de representar os trabalhadores locais. Neste caso, se grande parte da mão-de-obra utilizada é composta por imigrantes, certas estratégias caminham no sentido de organizar trabalhadores nas comunidades constituídas a partir do processo migratório para aquele país. Sendo assim, talvez seja possível afirmar que a natureza das possibilidades de sucesso com campanhas internacionais pode ser diferente, o que, em certa medida, relativiza comparações que visam aferir sobre o sucesso de campanhas. Se, no Catar, a dimensão internacional da campanha se faz mais significativa, dado que não se identifica a existência de sindicatos de base, no Brasil, a existência de sindicatos capazes de estabelecer negociações salariais e de manter uma estrutura própria contribui para a constituição de agendas relacionadas a questões de saúde e segurança e outros pontos mais específicos à organização no local de trabalho.

Considerações finais

Nos preparativos para as Olimpíadas de Londres e para a Copa de 2010 na África do Sul, as agendas e as estratégias sindicais nacionais respiraram novos ares, provenientes de uma brisa internacional. Da mesma forma, com a Campanha por Trabalho Decente Antes e Depois de 2014, os sindicatos brasileiros passaram a se inserir no ambiente internacional por meio uma estratégia externa, direcionada à promoção de boas condições de trabalho em megaeventos. No plano local, a implementação da campanha visou à constituição de mecanismos de participação que promoveram a superação de clivagens políticas existentes entre sindicatos brasileiros e, com isso, viabilizaram a elaboração de uma pauta nacional unificada inédita para os padrões sindicais no setor da construção. No plano internacional, a campanha promoveu a negociação com interlocutores não tradicionais dos sindicatos – como a FIFA e os comitês organizadores locais –, o fortalecimento dos vínculos institucionais com a ICM, o crescimento expressivo do número de organizações brasileiras filiadas à federação internacional e um considerável acúmulo de experiências em campanhas internacionais direcionadas a megaeventos esportivos.

A campanha sindical desenvolvida para as Olimpíadas no Rio de Janeiro foi marcada pela *permanência* do projeto desenvolvido para a Copa do Mundo, que pode ser identificada em uma *expertise* de campanhas que permitiu a definição de objetivos e resultados esperados que respeitavam a particularidade do caso carioca. Mesmo que ambas as campanhas

Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências visassem à pressão de autoridades, tendo em vista a implementação de negociações junto aos sindicatos locais, houve diferenças. A da Copa buscava influenciar a opinião pública tendo em vista a constituição de uma negociação unificada, consensualmente estabelecida – e que resultou em uma tentativa de acordo nacional junto aos empresários do setor. Já a campanha de 2016 priorizou a promoção de práticas seguras nos locais de trabalho por meio de um protocolo de segurança, as negociações para utilização madeira certificada e o apoio ao sindicato local para dialogar com o comitê organizador dos jogos.

As ações voltadas ao Rio de Janeiro também se distinguiram das de 2014 pelas dificuldades encontradas para a articulação de uma agenda sindical carioca junto a organizações de trabalhadores de diferentes estados do país. Entre as principais razões observadas, está o fato de que os jogos se concentravam em uma cidade e as diferenças políticas não haviam desaparecido com a experiência de construção consensual de um acordo nacional, o que *dificultava a constituição de um enquadramento discursivo ampliado às demais organizações sindicais do setor da construção brasileiras*. No mesmo sentido, observou-se que o *aprendizado* com a campanha desenvolvida em 2014 conviveu, de forma contraditória, com as dificuldades impostas por um poder institucional já estabelecido, que culminava na constituição de prioridades locais no processo de representação cotidiana de trabalhadores. Em termos gerais, isto resultou em dificuldades ao estabelecimento de enquadramentos discursivos que pudessem articular campanhas internacionais bem-sucedidas com esforços de caráter local.

Considerado isto, a comparação entre as campanhas para 2014 e 2016 indica que as particularidades do sindicalismo nacional influenciam de forma significativa as estratégias a serem adotadas, bem como os possíveis resultados de uma estratégia sindical internacional. Sobretudo, observa-se que as campanhas sindicais internacionais devem ser percebidas a partir das configurações preexistentes quanto às relações trabalhistas locais, em que se considera a capacidade de mobilização, articulação de forma unitária e negociação dos trabalhadores. Essas variáveis são determinantes na definição dos objetivos e dos resultados esperados com cada ação, tendo potencialidade significativa para orientar as ações nos preparativos de megaeventos como a Copa do Mundo da Rússia (2018), do Catar (2022) e assim por diante.

Glosario de siglas

CNI: Confederação Nacional da Indústria

CSI: Confederação Sindical Internacional

CUT: Central Única dos Trabalhadores

DIEESE: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos

ETNs: Empresas transnacionais

FENATRACOP: Federação Nacional dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção Pesada

FIFA: Federação Internacional de Futebol

FSI: Federação Sindical Internacional

ICM: Internacional dos Trabalhadores da Construção e da Madeira

OIT: Organização Internacional do Trabalho

PAC: Programa de Aceleração do Crescimento

RBWU: Sindicato Russo de Trabalhadores da Construção

SINTRACONST: Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil

SITRAICP: Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil Pesada

TEM: Ministério do Trabalho e do Emprego

UGT: União Geral dos Trabalhadores

Referências bibliográficas

Belussi, Fiorenza e Francesco Garibaldi (2000): “Variety of pattern of the post-fordist economy. Why are the ‘old times’ still with us and the ‘new times’ yet to come?”, em Keith Grint (org.): *Work and society: a reader*. Cambridge: Polity Press.

Castree, Noel (2000): “Geographic scale and grass-roots internationalism: the Liverpool dock dispute, 1995-1998”, em: *Economic Geography*, vol. 76, N° 3, julho, pp. 272-292.

Collombat, Thomas (2007): “The international labour movement in the Americas: a research agenda”, em: *Just Labour: A Canadian Journal of Work and Society*, vol. 11, outono.

Costa, Hermes A (2005): “O sindicalismo, a política internacional e a CUT”, em: *Lua Nova*, N° 64.

Costa, Luciano Rodrigues (2013): *Trabalhadores em construção: mercado de trabalho, redes sociais e qualificações na construção civil*. Curitiba: CRV.

Evans, Peter (2010): “Is it labor’s turn to globalize? Twenty-first century opportunities and strategic responses”, em: *Global Labour Journal*, vol. 1.

— (2014): “National labor movements and transnational connections: Global labor’s evolving architecture under neoliberalism”, IRLE Working Paper N° 116-14.

Gray, Chad W. (2009): “Metalúrgicos sem fronteiras: building a global union at Gerdau”, tese de doutorado, Cornell University, agosto.

Keida, Mark S. (2006): “Globalizing solidarity: explaining differences in US labor union transnationalism”, dissertação, Miami University, Oxford, OH.

- Rombaldi: Campanhas por trabalho decente em megaeventos esportivos no Brasil: estratégias sindicais inovadoras no setor da construção, seus êxitos e permanências
- McKinley, Dale T. (2011): “FIFA and the sports-accumulation complex”, em: Eddie Cottle (org.): *South Africa’s World Cup: a legacy for whom?*. Scottsville: University KwaZulu Natal Press, pp. 13-39.
- Munk, Ronaldo (2001): “Labour dilemmas and labour futures”, em: Ronaldo Munck e Peter Waterman (orgs.): *Labour worldwide in the era of globalization: alternative union models in the new world order*. Hampshire: Palgrave.
- Rodrigues, Leôncio M. (1999): *O destino do sindicalismo*. São Paulo: Edusp.
- Rombaldi, Maurício (2012): “Internacionalização do sindicalismo no Brasil: um estudo sobre os setores metalúrgico e de telecomunicações”, tese de doutorado, São Paulo, USP
- Rombaldi, Mauricio e Eddie Cottle (2013): “Les leçons du Mondial en Afrique du Sud, le Brésil et l’héritage des syndicats”, em *La coupe est pleine! Les désastres économiques et sociaux des grands événements sportifs*, PUBLICETIM N°38. Genebra: CETIM.
- Schmalz, Stefan e Klaus Dörre (2017): “The power resources approach”, documento de trabalho preparado para o projeto FES “Trade Unions in Transformation”, Berlim: FES.
- Tilly, Charles (1995): “Globalization threatens labor’s rights”, em: *International Labor and Working Class History*, N° 47, pp. 1-23.
- Tribunal de Contas da União (2014): *Relatório de situação*, Brasília, outubro.
- UNCTAD (2008): *World investment report 2008: Transnational corporations and the infrastructure challenge*. Nova York-Genebra: United Nations.
- Veras, Roberto (2014): “Brasil em obras, peões em luta, sindicatos surpreendidos”, em: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, N°103, maio, pp. 111-136.

ⁱ Este estudo constitui-se a partir de reflexões produzidas em pesquisas anteriores sobre estratégias sindicais internacionais direcionadas à Copa do Mundo de 2014, atualizadas com a análise das estratégias sindicais desenvolvidas durante os preparativos dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. É disso que trata o termo “permanências”, presente no título deste texto.